



Lula afirma que, se eleito, abrirá diálogo imediato com o Congresso para buscar recursos voltados a obras de infraestrutura e discutir uma política tributária “mais justa”. Ele se recusa, de novo, a anunciar equipe econômica

Foco em PAC e reforma tributária

» VICTOR CORREIA

Na reta final para o segundo turno, crescem os questionamentos sobre um eventual governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em especial, na área econômica. Em entrevista à Rádio Nova Brasil, ontem, o petista afirmou que pretende implementar uma série de medidas econômicas para tirar o país da crise. Para tanto, precisa conversar com o Congresso Nacional “desde já”. Ele garantiu, ainda, que terá austeridade fiscal, mesmo defendendo a revogação do teto de gastos.

Entre as iniciativas citadas por Lula estão reforma tributária e retomada de obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). “Nós vamos ter de encontrar um meio de discutir com o Congresso já, para que a gente possa colocar o dinheiro necessário para cumprir o que está previsto”, frisou. “Vai demorar um tempo para a gente ir arrumando a casa, acertar com o Congresso, fazer as mudanças no Orçamento e para que a gente possa, inclusive, começar a discutir uma política tributária que seja mais justa”, acrescentou.

Questionado sobre sua política de austeridade fiscal, respondeu que “está dentro da concepção de governo que eu tenho”. Ele explicou sua posição contra o teto de gastos implementado durante o governo de Michel Temer (MDB). “Quando você fez o teto de gastos, você estava pressionado pelo sistema financeiro, que queria receber aquilo que o Estado lhe devia. A gente não pode gastar mais do que arrecada, mas a gente pode contrair uma dívida se for construir um ativo novo, alguma coisa que signifique aumentar a produtividade desse país”, ressaltou.

Em relação à equipe

Reprodução



Lula: “Não vou me sentar na cadeira antes de ganhar. Só posso indicar nome para qualquer cargo depois que eu ganhar as eleições”

econômica, se recusou novamente a citar nomes antes de uma eventual vitória nas urnas. O tema é um dos principais questionamentos em torno da campanha dele, que reúne nomes como Henrique Meirelles, Geraldo Alckmin, Aloizio Mercadante, Pêrsio Arida, entre outros economistas.

Perguntado se revelar os nomes da equipe não seria uma forma de tranquilizar os eleitores “desconfiados”, Lula negou. “Não estou aqui para agradar o eleitor desconfiado. Se eu anunciar uma equipe econômica, se eu tiver dois economistas, eu vou perder 10, vou perder 15. Ou seja, eu não quero perder voto”, argumentou. “As pessoas sabem, eu já fui presidente, eu não

indiquei ministério antes. Eu não vou me sentar na cadeira antes de ganhar. Só posso indicar nome para qualquer cargo depois que eu ganhar as eleições.”

O petista também enfatizou que, se eleito, será “presidente de um mandato só”, reforçando novamente a ideia de que abrirá mão da recondução.

Questionado sobre opositores e envolvidos em sua prisão pela Operação Lava-Jato, o petista refutou a possibilidade de retaliação, caso eleito. “Não vou voltar para ficar procurando sarna para me coçar. Vou voltar para tentar atender os interesses deste povo”, afirmou. “Não vou perder tempo com quem quer que seja. Quero

perder tempo discutindo soluções para o povo brasileiro. Esse é o Lula que vai voltar a presidir o país. Senão, seria melhor eu ficar em casa. Não vou ganhar um cargo de presidente da República fazendo uma campanha para depois ficar com políticas pequenas, tentando me vingar de alguém.”

Ao comentar a respeito dos processos que o levaram à prisão, no âmbito da força-tarefa capitaneada pelo então juiz Sérgio Moro, Lula afirmou que os envolvidos serão julgados por Deus. “Ele sabe o que aconteceu, sabe o que é verdade. E eu estou tranquilo, porque já venci 26 processos da Justiça Federal, venci dois processos na ONU (Organização

das Nações Unidas) e venci na Suprema Corte. Portanto, eu não devo nada a ninguém neste país e muito menos à lei”, declarou.

Na semana do pleito, Lula trocou os atos e caminhadas que vem fazendo desde o primeiro turno por uma agenda mais digital, enquanto se mantém em São Paulo. Ele deve ficar na capital paulista até a eleição. Os únicos compromissos do ex-presidente, ontem, foram a entrevista por meio virtual e live. Internamente, ele teve reuniões e gravou os últimos programas eleitorais. O foco é fazer participações menos desgastantes, especialmente para poupar a voz, já que tem debate na TV Globo na sexta-feira.

Sabatina do Correio

» TAÍSA MEDEIROS

Líder das pesquisas de intenção de voto, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva participará de sabatina dos Diários Associados amanhã, a partir das 8h. O petista será entrevistado por jornalistas do grupo por meio de videochamada, já que permanecerá em São Paulo até a votação de domingo.

Na campanha do primeiro turno, Lula não compareceu às sabinas realizadas pelos Diários Associados.

A entrevista com o ex-presidente será ao vivo, com transmissão pela TV Brasília e pelas redes sociais do Correio — YouTube, Twitter e Facebook. Além disso, será veiculada simultaneamente em mais de 30 emissoras da Rede Clube FM, presentes em dezenas de cidades brasileiras nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Rio Grande do Sul, Pará, Paraná, Santa Catarina, Roraima, Ceará e Mato Grosso.

Segundo a pesquisa Abrapel/Ipspe, divulgada ontem, Lula segue na liderança da corrida eleitoral, com 53% dos votos válidos. O presidente Jair Bolsonaro (PL) aparece com 47%. Nos votos válidos, são excluídos os brancos e nulos, pois não entram na contagem do resultado da eleição pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O cenário da pesquisa mostra estabilidade dos índices de votos dos candidatos à Presidência da República.

Primeiro turno

Durante a campanha do primeiro turno eleitoral, os Diários Associados promoveram um debate, pelas redes sociais, em junho, com a maioria dos candidatos à Presidência. Os únicos ausentes foram, além de Lula, o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o então postulante do União Brasil, Luciano Bivar.

Nos meses seguintes, o grupo fez sabinas com Soraya Thrognicke (União Brasil) — que assumiu a candidatura após a saída de Bivar — em 31 de agosto; Felipe D’Avila (Novo), em 2 de setembro; Simone Tebet (MDB), no dia 6 do mesmo mês; Bolsonaro, dois dias depois; Padre Kelmon (PTB), no dia 15; e Ciro Gomes (PDT), em 22 de setembro.

Lula acusa rival no episódio das venezuelanas

» VINICIUS DORIA

A cinco dias do segundo turno, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) mostrou, ontem, que não pretende deixar esfriar o caso das adolescentes venezuelanas. Em uma entrevista ao vivo pela internet, com plateia que fazia as perguntas, o petista não mediu palavras para definir o presidente Jair Bolsonaro (PL). Sem citar o nome do oponente, disse que “esse cara é um pedófilo”, ao responder a uma pergunta sobre políticas públicas para a cultura.

Lula disse que é “quase analfabeto”, metáfora que usa para dizer que só tem o primeiro grau e um diploma de torneiro mecânico, mas que Bolsonaro é “ignorante”. “Em um país que não tem cultura, o povo não é povo, é rebanho”, ressaltou. “Esse ignorante que está aí é contra a cultura. Ahhh... tem peça de teatro, tem homem beijando homem, tudo não presta”. É um purismo canalha que ele tenta mostrar na televisão. “Ahhh... eu sou puro”. Puro? O cara que vai ao encontro de duas meninas de 14 anos

de idade e diz ‘pintou um clima’? Esse cara é puro? Esse cara é um pedófilo.”

A abordagem de Bolsonaro a refugiadas venezuelanas adolescentes que vivem em uma casa-abrigo em São Sebastião (DF), em que levantou suspeita de prostituição — declarações das quais o presidente pediu desculpas em um vídeo —, tinha perdido temperatura no noticiário, atropelado pelo ataque do ex-deputado Roberto Jefferson a agentes da Polícia Federal.

A prisão do ex-parlamentar

foi deixada para o petista entrar em outro tema polêmico, que é a política do governo Bolsonaro de ampliar o acesso de civis a armas. Disse que, “antigamente, os criminosos tinham de assaltar o arsenal da Marinha, do Exército, da Força Aérea para roubar armas”. “Agora, não precisa mais assaltar, compra no mercado, compra rifle, compra seis mil cartuchos, compra seis ou sete pistolas, metralhadora”, acrescentou. Lula considerou “que a Polícia Federal não agiu corretamente, foi

condescendente” com Jefferson.

O ex-presidente também voltou a falar sobre religião, e subiu o tom novamente. Considerou “uma cretinice, uma barbaridade” acusá-lo de querer fechar igrejas. “Justamente o cara que criou a Lei da Liberdade Religiosa”, respondeu. E criticou os “pastores que estão transformando igrejas em partidos políticos”.

O tom elevado do candidato antecipa assuntos que devem ser destacados para o segundo e último debate entre os presidenciais, na sexta-feira, na TV Globo.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

A eleição pode ser decidida no debate entre Lula e Bolsonaro

A campanha eleitoral entrou na reta final, com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva a um passo da vitória e o presidente Jair Bolsonaro, a dois. No universo das pesquisas eleitorais, pode-se dizer que é mais ou menos essa a distância da linha de chegada, considerando-se a margem de erro das pesquisas. Com certeza, será a decisão mais apertada da história de nossas eleições, mais até do que a vitória da presidente Dilma Rousseff (PT) contra Aécio Neves (PSDB) nas eleições de 2014.

A contestação do resultado da eleição de domingo será líquida e certa no caso de Lula vencer Bolsonaro, conforme sinalizam auxiliares do presidente da República, como o general Augusto Heleno, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), e o ministro das Comunicações, Fábio Faria, autor de uma denúncia de manipulação de inserções de propaganda eleitoral por rádios do Nordeste. A declaração de Bolsonaro, ontem, sobre a análise da segurança das

urnas feita pelo Exército, ao dizer que não foram conclusivas, nesse aspecto, corrobora a narrativa golpista.

Temos uma crise contratada no horizonte imediato, que está se armando faz tempo, mas que foi fragilizada pelo episódio envolvendo o ex-deputado Roberto Jefferson, ao disparar 50 tiros de fuzil e três granadas contra policiais federais. Eleitoralmente, acertou no pé de Bolsonaro. Jefferson está preso em Bangu 8, por tentativa de homicídio dos policiais federais e ofensas à ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF), e ao presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Alexandre de Moraes, relator do inquérito das fake news, que cassou sua prisão domiciliar.

Os elementos

Terra — a disputa eleitoral pode ser decidida numa “guerra de posições”, na qual Lula e Bolsonaro se movimentam com objetivo de alterar o cenário

que emergiu do primeiro turno. Bolsonaro tenta ampliar sua vantagem em São Paulo, virar a eleição em Minas e reduzir a vantagem de Lula no Nordeste. Lula resiste em São Paulo, avança no Rio de Janeiro, tenta manter sua vantagem em Minas e, sobretudo, ampliá-la ainda mais no Nordeste. Lula aposta nas grandes manifestações políticas, Bolsonaro no apoio de governadores e prefeitos.

Água — existe uma batalha ideológica em curso na sociedade, que já não se estrutura em classes sociais definidas. A chamada sociedade líquida. Essa batalha opõe reacionários e progressistas, num universo em que conservadores e liberais flutuam entre os dois polos, sem força para impor sua própria hegemonia. A extrema-direita dá o tom da campanha de Bolsonaro nas redes sociais, como no gesto tresloucado de Jefferson, impondo consertamentos aos conservadores que o apoiavam. No campo de Lula, a entrada

na campanha de Simone Tebet (quem disse que ela não iria para o segundo turno?) mudou a qualidade de suas alianças, que evoluíram de uma frente de esquerda para, finalmente, a tal da frente ampla.

Fogo — a artilharia dos candidatos continua muito mais focada na rejeição dos adversários do que nos problemas do país, mas nem tudo é a baixaria das redes sociais. Qual será o principal divisor de águas da eleição? Lula bate forte no reacionarismo de Bolsonaro e seu projeto autoritário, de implantar uma espécie de Executivo forte, iliberal, dominante em relação aos demais Poderes. Também ataca Bolsonaro nos temas econômicos, que sensibilizam a população mais pobre, assalariados e aposentados. O presidente da República corre contra o prejuízo com o empréstimo consignado tendo como garantia o Auxílio Brasil, medida juridicamente questionável, mas que tem impacto junto aos

eleitores de baixa renda, não se sabe a escala ainda.

Vento — Bolsonaro ataca Lula no seu ponto mais fraco: explicar o mensalão e o escândalo da Petrobras, invocando a Lava-Jato, operação que ajudou a encerrar. Mas tem o telhado de vidro da sua histórica relação com as milícias e a compra de imóveis com dinheiro vivo por seus filhos. O conservadorismo nos costumes dá voto para Bolsonaro de um lado, os evangélicos, mas joga no colo de Lula os intelectuais, os artistas, as mulheres e a juventude.

Vácuo — pode ser que a eleição seja decidida no debate de sexta-feira, na TV Globo, como num duelo de samurais. Esse é o vácuo da reta final. Nele, é preciso enxergar na escuridão. Não se deve fazer nada de inútil, tudo pode se decidir com base no condicionamento físico, na capacidade de discernimento, na verdade das coisas, no espírito e na vontade de fazer o certo. Num gesto e na força do olhar.